

# A homossexualidade de frente para o espelho

Francisco Arseli Kern

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, RS, Brasil*

Andre Luiz da Silva

*Secretaria Municipal de Saúde  
Eldorado do Sul, RS, Brasil*

---

## RESUMO

O artigo mostra algumas breves reflexões sobre a constituição da homossexualidade como fenômeno vivencial. Estas reflexões têm por base as categorias da identidade, existência, subjetividade e da exclusão que servem de referência para aproximações à temática. A proposta é mostrar um desnudamento do fenômeno da homossexualidade para a compreensão da sua complexidade.

**Palavras-chave:** Homossexualidade; identidade; existência; subjetividade; exclusão.

## ABSTRACT

*Homosexuality in front of the mirror*

This article explains some brief reflections about the constitution of the homosexuality as a live phenomenon. These reflections are based upon identity, existence, subjectivity and exclusion which are the kernel of the theme. The proposition is to uncover the phenomenon of the homosexuality, in order to understand its complexity.

**Keywords:** Homosexuality; identity; existence; subjectivity; exclusion.

## RESUMEN

*La homosexualidad en frente del espejo*

El artículo muestra algunas breves reflexiones sobre la constitución de la homosexualidad como fenómeno de la experiencia. Estas reflexiones se basan en las categorías de la identidad, la existencia, la subjetividad y la exclusión que se utilizan para guiar a los enfoques sobre el tema. La propuesta es mostrar un agotamiento del fenómeno de la homosexualidad a la comprensión de su complejidad.

**Palabras clave:** Homossexualidad; identidad; existencia; subjetividad; exclusión.

---

## INTRODUÇÃO

Falar sobre a homossexualidade constitui-se num desafio significativo por se tratar de uma temática extremamente complexa em meio aos processos sociais em que se estabelece. Por processos sociais, entendem-se as formas adotadas pelas pessoas ao estabelecerem teias de relações com os outros, partindo do pressuposto da singularidade de cada sujeito no estabelecimento de suas relações em busca da construção do seu pertencimento e da sua referência social.

Neste sentido, associar a temática da homossexualidade aos processos sociais, seria em tese, uma análise propositiva de compreender como os homossexuais estabelecem suas teias de relações no mundo atual e como se constitui a construção social

da homossexualidade. Mas isto não é tão simples assim! Quando se adentra nas questões relacionais que envolvem públicos com diferenças sociais, os processos que se estabelecem tornam-se alvo de observação, vigilância, muitas vezes, descrédito e de não reconhecimento da potencialidade de ser sujeito.

Faz-se necessário reconhecer e valorizar a capacidade humana e antes de tudo, entender a existência do humano como ser presente nas relações, numa crença de que este se autocapacita para a sua própria realização. Pode parecer fácil apresentar um discurso que defende a valorização da capacidade humana, mas quando se está diante de pessoas rotuladas com preconceitos, esquecidas e marginalizadas sofrendo a exclusão social, o valor da vida cria limites, principalmente

quando estamos falando da homossexualidade e suas representações sociais.

Pensando sob este ângulo, a subjetividade é construída na medida em que a pessoa se projeta e se define em meio a sua “condenação” à liberdade de existir. Olhando sob este prisma, não existe uma subjetividade abstrata, intocável, pura no sentido de ser privada. A vida do ser humano está diretamente e indiretamente ligada a todos os seres vivos, e neste sentido, cria-se uma interrelação numa totalidade de existência da vida. Assim, a homossexualidade também se constitui numa construção social carregada de significados e sentidos.

Em se tratando da homossexualidade, esta historicamente não se configura como um problema individual, subjetivo, privado de determinada pessoa ao buscar seus direitos. Trata-se de um fenômeno que atinge não somente o plano físico do ser humano. Muito mais do que isto, conecta-se à existência, porque o humano é vivencial e relacional. Esta concepção nos dá a garantia de trabalhar a homossexualidade de frente para o espelho para que ela possa ser compreendida em sua real condição humana, social e política.

### HOMOSSEXUALIDADE: IDENTIDADE, EXISTÊNCIA, SUBJETIVIDADE E EXCLUSÃO

O preconceito contra homossexuais só é possível ser analisado dentro de uma perspectiva de construção social e, portanto, histórica e existencial que envolve os princípios da existência que se dimensiona a partir do projeto pessoal. As representações que historicamente as pessoas tenham feito a respeito da homossexualidade é que tem sido determinantes da construção do preconceito existente. Sabe-se que ainda na Grécia Antiga e Roma, as relações homoafetivas eram por vezes aceitas como normais. Na tradição judaico-cristã as práticas homoeróticas passaram a ser vistas como pecaminosas, representando o descumprimento do que se julgava ser a palavra de Deus, no tocante à necessidade da natalidade (“crescei e multiplicai-vos”, de acordo com o livro do Gênesis).

Historicamente, os homossexuais são um dos mais odiados grupos sociais minoritários. Isto é perceptível através de fatos que a história não nega:

- a) O amor entre duas pessoas do mesmo sexo, historicamente foi considerado como crime hediondo e perversão sexual, ou como “atos sexuais contra a natureza”, conforme o Direito Romano;
- b) A homossexualidade ainda é condenada como pecado abominável com base no moralismo judaico-cristão;

- c) Ainda hoje, homossexuais são condenados a pedradas nos países islâmicos fundamentalistas;
- d) Homossexuais foram decapitados no tempo dos primeiros imperadores cristãos e queimados pela Santa Inquisição;
- e) Milhares de homossexuais foram condenados à prisão com trabalhos forçados e/ou a morte na Alemanha Nazista;
- f) A partir do século XIX, a Medicina definiu a homossexualidade como uma doença fisiológica causada por distúrbios genéticos ou biológicos.

Diz a Literatura referente à temática da homossexualidade que, no início do Século XX, a Psicanálise introduziu a visão psicológica da homossexualidade (no conceito de Karl M. Kertbeny em 1869), mesmo a considerando como um distúrbio da personalidade. Nos anos 60 aparecem no mundo os primeiros movimentos gays, culminando com a manifestação de 1969 no Stonewall, em Nova Iorque (o nascimento do “Orgulho Gay”) e também neste período, a Associação Americana de Psicologia (APA) afirmou que a homossexualidade não é uma doença psicológica; Em 1989 o termo homossexualismo foi abolido do CID-10 apesar do transexualismo e alguns tipos de travestismo ainda figurarem como patologia. Na década de 90 e anos 2000 com a proliferação das igrejas evangélicas no Brasil, algumas criaram fantasiosamente serviços de recuperação de homossexuais, como em Salvador (BA) e São Gonçalo (RJ), causando uma orientação sexual egodistônica provocada.

Ao enfatizar a construção da homossexualidade através dos processos sociais, é inevitável que se faça uma análise nesta ótica sobre os processos identitários. A Literatura da Psicologia nos ensina que identidade é definida como um conjunto de caracteres próprios e específicos de uma pessoa. Este conceito não se constitui do vazio e nem do abstrato. Resulta de uma trajetória social da pessoa respaldado por sua história de vida carregada e impregnada de sentidos e significados construídos pela simbiose eu-indivíduo/eu-ator social.

Ao reconhecer a sua identidade, a pessoa reconhece a si como ser subjetivo e intersubjetivo. Este é o exemplo típico aprendido pela Fenomenologia Husserliana que nos ensina que a consciência é sempre consciência de algo, portanto, identidade é consciência de si mesmo. Olhar para dentro de si e neste olhar descobrir uma identidade que se torna diferente, é sem dúvida um confronto com uma realidade que não é nada colorida, como muitas vezes o “Orgulho Gay” exterioriza.

Permitimo-nos tomar emprestado, e relacionar com a temática deste estudo, o sentido da identidade atribuída e identidade construída que Martinelli (2002)

faz com relação ao Serviço Social no Brasil desde a década de 30.

Ao analisar os processos identitários da construção da homossexualidade, certamente aparecem com fortes evidências a identidade atribuída e a identidade construída. Historicamente, à homossexualidade foi atribuída uma identidade estigmatizante que compreendia proliferação de doenças, pecado, sodomia, comportamentos perversos, aberrações da natureza. Ou seja, um discurso heterossexista moralizante contra o diferente como se o heterossexual não assumisse muitas vezes as mesmas dimensões dos “estigmas” apontados acima. Sexo se constitui numa “fonte de prazer e de doenças” por assim dizer, seja lá qual tipo de prática sexual ocorra.

No campo da identidade atribuída, prevê-se uma lógica “essencialista” em que a essência do ser passaria a ser diminuída por se constituir no campo das identidades diferentes.

No decorrer da história e com o advento do debate dos direitos humanos, aos poucos a homossexualidade reconstrói-se por um processo de “identidade construída”. Paralelamente, como objeto da Ciência Médica, a homossexualidade passa a ser também objeto dos movimentos sociais em busca de condição de dignidade e cidadania. Esses movimentos sociais instauram-se com o propósito de mostrar a homossexualidade como condição humana e não mais como identidade estigmatizada e minoria social sob pressão de uma sociedade heterossexista, muitas vezes em detrimento da busca de referência social. O ativismo homossexual faz uma incursão diferente das mulheres, cuja inserção na sociedade ocorreu de forma sistemática, desde o direito ao voto até a inclusão no mercado de trabalho, trazendo o movimento de aceitação como “humanas capazes” ao mesmo tempo em que se davam suas conquistas político-sociais.

Foucault (1997) em sua obra *História da Sexualidade* nos diz que a partir do Século XVII, o sexo não é “convidado a se calar”. Desde o surgimento do termo homossexual no século XIX (Fry e Mac Era, 1985) é impossível pensarmos o sujeito dissociado da sua sexualidade. Vivemos hoje numa sociedade onde não é mais possível delimitar a identidade sexual ao padrão da heterossexualidade.

Na Aula Magna da Faculdade de Serviço Social da PUCRS em 2008, Maria Lúcia Martinelli afirma que “a identidade é uma categoria sócio-histórica que pulsa com o tempo e com o movimento a partir de determinações políticas, sociais, econômicas, históricas e culturais”. Traçando um paralelo com a temática aqui abordada, a homossexualidade não pode ser vista como questão individual. É notável que nos grandes centros urbanos, construiu-se uma

identidade que permite ao homossexual, mesmo que algumas raras vezes, colocar-se de frente ao espelho e reconhecer-se como sujeito de si mesmo, como sujeito político e socialmente construído. Deve-se levar em consideração os avanços em termos de mobilização social no combate ao preconceito. Por outro lado, faz-se necessário diferenciar o enfrentamento desse preconceito do “combate” ao homossexual vítima de todos os processos discriminatórios. Portanto, a identidade homossexual pulsa na sociedade como categoria sócio-histórica a partir de determinações apontadas acima por Martinelli.

Graças aos movimentos e instâncias políticas que sempre conectaram a homossexualidade à questão histórica, política e cultural, torna-se inegável que, ao compreender a identidade homossexual no contexto atual, devemos levar em conta de que esta identidade é também produto de alguns determinantes políticos, sociais e culturais. Impregnado de sentidos e significados, estes processos permitem uma leitura e análise de caráter mais humanitário em sua condição existencial.

Como a existência é indeterminada, a sexualidade e a liberdade de ser também o são. A sexualidade está presente como uma espécie de atmosfera. Se o ser humano é definido pela sua experiência social, o mesmo sem sistema sexual é tão inconcebível quanto não ter pensamentos. Da mesma forma como se discute a sexualidade humana, discute-se também a liberdade enquanto uma condição de ser. Não se consegue pensar, explicar, ou reduzir a sexualidade a outra coisa além de si mesma, a não ser a ela mesma. Constitucionalmente, somos livres em nossos atos, em nossas ações, com a máxima da liberdade de ir e vir.

Ao se pretender analisar a homossexualidade a partir da leitura existencial, busca-se em Sartre um fundamento epistemológico que possa balizar esta discussão. Sartre (1973, p.72) nos ensina que “o homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência”. Entende-se que o próprio humano só existe a partir do momento em que se constrói, se define, se coloca em ação. Por conseguinte as pessoas, ao buscarem uma compreensão sobre a homossexualidade, se identificam e expressam a sua subjetividade através de seus atos volitivos com sua intencionalidade em vias de construção de desenvolvimento de si próprios mergulhados em um novo projeto: o entendimento da vida na dimensão da representação existencial.

E é interpretando Sartre, quando diz ser o humano como ele mesmo quer que seja, que se entende porque as pessoas lutam em favor da vida e porque investem na melhoria de suas condições de vida. Este ato não é

de forma alguma abstrato ou desvinculado do concreto social; é um processo de construção e reconfiguração do projeto de vida! Ali está toda uma representação tanto subjetiva quanto objetiva da interação social expressa nas teias que se conectam às relações com familiares, nas relações com o trabalho, na convivência social.

Em seu discurso sobre a existência, Sartre dá a entender que mesmo a subjetividade humana é construída. Ela não existe *a priori*, ou seja, associa-se a natureza humana à angústia, à liberdade e ao projeto. É mais fácil entender em Sartre a não-subjetividade, do que a própria subjetividade. Para ele, o humano não é nada a não ser que ele próprio se projete e se crie. Se isto não ocorrer, ele não existe, logo não haverá subjetividade, numa releitura de Descartes.

A subjetividade alcançada (1973, p. 78) “não é uma subjetividade rigorosamente individual, pois não descubro apenas a mim mesmo, mas também os outros”. O humano que alcança a sua realização plena descobre também todos os outros, descobrindo-se como sendo a própria condição de sua existência. O humano expressa o seu mundo subjetivo na medida em que é reconhecido como tal. Neste sentido, não existe o humano individualizado no concreto, pois a sua existência, ou o seu pertencimento social, se dá na medida em que seu eu é fortalecido no reconhecimento do outro no significado do estabelecimento das teias de relações.

De modo semelhante, Foucault pensa o que poderíamos chamar de “identidade mutável”, contrária à necessidade da mídia, e mesmo da comunidade médica-científica em dada época, em classificar/definir a homossexualidade. Quanto à tentativa de categorizar a identidade homossexual, reduzindo-a a quase uma marca genética, Foucault afirma em entrevista à revista *Masques* (1982, p. 24): “É preciso não ser homossexual, mas sim encarnadamente ser guei. Interrogar-se sobre nossa relação com a homossexualidade é antes de tudo desejar um mundo onde essas relações sejam possíveis, mais do que simplesmente ter o desejo de uma relação sexual com alguém do mesmo sexo”.

Sartre ensina que para o humano obter qualquer verdade sobre si mesmo, faz-se necessário a consideração do outro. Logo, a subjetividade cria uma dimensão de intersubjetividade, ou seja, (1973, p. 78) “a descoberta da minha intimidade, desvendame, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa e só quer ou a favor ou contra mim”.

Pensando neste ângulo, a subjetividade homossexual é construída na medida em que o sujeito se projeta, se define em meio a sua “condenação” à liberdade de existir. Olhando sob este prisma, não existe uma

subjetividade abstrata, intocável, pura no sentido de ser privada. A vida do ser humano está diretamente e indiretamente ligada a todos os seres vivos, e neste sentido, cria-se uma interrelação numa totalidade de existência da vida, sem compartimentalização. Isto significa que o desejo homoerótico também é inerente à natureza humana, ou seja, simplesmente DESEJO, que por sua vez está ligado ao direito à vida e à liberdade, tão bem citados na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Constitui-se ali, um novo mundo relacional principalmente quando se pode fazer um recorte ao pensar o público homossexual que necessita do acesso às políticas públicas, passando a constituir um mundo relacional com instituições que formam uma rede social de apoio e de ajuda. Novas teias são projetadas e conexões são estabelecidas. Sem dúvida, as instituições que compõem a rede social do homossexual configuram-se em segmentos de suma importância tanto para o sujeito envolvido com esta questão, como também para as pessoas que convivem com o mesmo. São instâncias de produção do social que estão estritamente ligadas ao propósito da construção da cidadania e da justiça social.

As instituições das áreas da Saúde, Educação e Assistência Social constituem-se em um dos segmentos mais importantes nesta área, porque congregam na sua identidade uma política de atendimento voltada ao acesso das políticas públicas, na execução da legislação da saúde, educação e assistência como um direito assegurado.

Quase rotineiramente depara-se o homossexual, neste meio, com uma realidade que lhe atribui significados de depreciação por não receber um atendimento digno frente a sua condição de cidadão de direitos. Paulillo (1999, p. 34) nos ajuda a compreender esta realidade quando afirma: “a inatividade é recebida como violência a ele imposta e significa ainda a destruição de seus vínculos com outras pessoas, a exclusão, a solidão”. Se por um lado, está a dificuldade de elaboração da condição de ser homossexual, por outro lado, a realidade social no campo da saúde, educação e assistência acrescenta o ingrediente final da estigmatização de sua identidade. Isto resulta na concepção de si próprio em se considerar um ser diferente, desprotegido, impotente e desprezado.

Torna-se fácil criar fantasmas relacionados à homossexualidade, pois nossas concepções estão respaldadas nas percepções preconceituosas e discriminatórias da sociedade, embora o senso comum se considere isento de preconceitos. Receber a notícia de que uma pessoa que se conhece seja homossexual suscita sentimentos de pesar, porque não se deseja isto a esta pessoa, mas também porque não desejamos a

nós próprios. Sentimo-nos invadidos não por aquilo que a identidade homossexual provoca, mas por aquilo que as pessoas possam pensar e por todos os confrontos com os quais ela irá se deparar. O medo do sentimento de exclusão, do desprezo social, da necessidade de assegurar duas identidades por 24 horas torna-se causador de pânico não desejável para ninguém. Quando esta exclusão se associa a exclusão econômica, a vida cria outros limites, o que segundo Silveira 1999, significa:

O desenvolvimento econômico capitalista favorece a criação de uma sociedade alienada, contrapondo-se a uma riqueza técnica, científica e das ciências humanas, de modo incomparável. Neste ambiente completo de contradições, é imposta ao homem a necessidade de sobreviver, sem antes saber viver.

Costuma-se, geralmente discutir a exclusão que ocorre pelo ângulo econômico, porém, ela não se limita a este elemento. O ambiente de contradições que são impostas a sobrevivência, sem antes saber viver, traduz-se na concepção de que há um outro tipo de exclusão que pouco se discute e que também se constrói através dos processos sociais, em que a questão econômica não é o critério principal. Para entrar nesta discussão, deve-se partir do princípio de que o humano constitui-se em categoria essencial dos processos sociais.

Esta exclusão pode ser denominada de exclusão subjetiva. É assim denominada por se tratar de um processo de exclusão que é vivenciada no plano subjetivo individual humano, e em muitos casos, não chega a uma dimensão intersubjetiva. Em se tratando sexualidade e homossexualidade, este tipo de exclusão é vivenciado em sua integridade pelos sujeitos.

O grande impasse do preconceito envolve as categorias centrais do comportamento humano que a nossa sociedade não soube discutir ainda. Ainda no Século XXI, a sexualidade é entendida como um tabu ou como um pecado. Em se tratando das representações de DST/AIDS, para o homossexual portador de HIV a exclusão é dupla: primeiro por ser homossexual e segundo somando a sua condição de soropositivo. Para o portador heterossexual, a exclusão possui uma outra conotação: a da piedade e da culpa; piedade por muitas vezes se tornar vítima e culpa por estar vivendo relações de promiscuidade. Para o que é contaminado por transfusão de sangue, a conotação é de mísera piedade. Para a transmissão vertical, o sentimento é de vitimização; para com o usuário de drogas, o sentimento é de punição. E assim, a sexualidade possui papel representativo na elaboração de doenças que estejam relacionadas a ela. Porém, é necessário que deixe de ser elaborada como objeto de exclusão e sim

como possibilidade de construção de pertencimento e de referência social, bem como parte da construção da psique.

## A HOMOSSEXUALIDADE E OS REFLEXOS DO ESPELHO

Quando se pensa a liberdade como condição igualitária, logo, pensamos que esta condição seja política e universal. Na experiência do dia-a-dia, o que se vê é uma realidade diferente e contraditória daquela que é pensada ou idealizada. Preponderam valores de uma sociedade que prima pelo heterossexismo em todos os sentidos. A liberdade, quando se trata de identidade sexual, é tolhida e discriminada, o que de acordo com Silveira (1999, p. 51) significa dizer que o estigma da homossexualidade somada ao vírus da AIDS, “condena, ou condenaria a maioria ao silêncio e a uma gestão solitária de sua identidade e risco”.

A discriminação social com relação à orientação sexual, é simbolizada pela marginalização que é produzida socialmente. O fato de pessoas viverem da atividade da prostituição não pode ser analisada isoladamente de um contexto sócio-histórico e atual. Não vamos discutir aqui se o fazem por prazer ou por outros motivos mais. O importante é que se perceba que a sobrevivência tem que ser trazida presente neste debate, e que o ato de se prostituir passa ser uma alternativa de trabalho histórica e uma estratégia de sobrevivência que é optada, mais do que nunca, na atualidade.

Foi dito anteriormente que a sociedade prima pelos valores heterossexuais. Pessoas que assumem uma orientação homossexual, assumem uma identidade não aprovada socialmente. Ainda hoje, quando se vivencia a liberdade de ser, de ir e vir, a homossexualidade preserva uma identidade “camuflada” e muitos destes, não ousam revelar-se, com o receio do preconceito gerador da exclusão na família, na escola, no mundo do trabalho e nos grupos sociais. E isso pode resultar no que se chama de orientação sexual egodistônica, ou seja, ter práticas heterossexuais reais ou fantasiosas forçadamente mesmo tendo impulsos sexuais homossexuais, trazendo danos psíquicos e mesmo físicos irreversíveis.

Por mais que se almeje a liberdade de ser e existir, dentro de nossas condições humanas e sociais, infelizmente, ainda não se pode falar em liberdade de ser. Até que é possível, porém, dentro de um plano estritamente individualizado, ou seja, de uma relação de iguais para iguais. A liberdade sexual e a liberdade de ser é significativamente expressa e assumida nas relações de guetos, porém, não se pode afirmar isto na sua totalidade.

Em lugares públicos destinados especificamente para homossexuais, há uma relação de igual para igual, não diferente de lugares destinados onde há também a relação de igual para igual no caso de pessoas heterossexuais. Porém, em lugares públicos onde prevalece a heterossexualidade, a identidade homossexual torna-se minoria, não podendo haver nenhuma expressão de afeto, pois isto agride o grupo que prevalece.

Quando acontecem manifestações por grupos minoritários, como movimentos gays, passeatas, paradas, protestos em lugares públicos, a maioria dos presentes que observam a manifestação admira os manifestantes como se fossem carros alegóricos precisando de aplausos. A indiferença é tão significativa que não conseguem entender os movimentos que lutam por uma livre expressão sexual, como um movimento político que batalha pela igualdade de direitos em todos os sentidos, construindo uma sociedade mais justa e cidadã.

Pode-se então falar em liberdade sexual e liberdade de ser? Acredita-se que não! Infelizmente, ou felizmente, esta será uma conquista que mostrará à sociedade patriarcal e conservadora que os direitos de cada ser não são dádivas divinas e/ou agraciadas pela sorte; mas sim, por um processo político de lutas e conquistas que se constituem por forças humanas que se movem em direção à cidadania.

A sexualidade é a nossa condição que nos coloca, enquanto entes subjetivos, no plano social. Em uma sociedade em que ela possa ser considerada emancipada, a sexualidade não se torna objeto de exclusão do humano, e sim é a condição que garante a existência e também as razões que nos levam ao afeto. Se queremos viver na sociedade do afeto, é a afetividade que nos aproxima, mas também é ela que se coloca em jogo quando se opta pelos trilhos e caminhos da exclusão.

Ainda em relação ao espelho, um dos maiores cuidados que o homossexual prima, é o cuidado para com o corpo, pois é o corpo que se constitui no instrumento de vivência social nas relações afetivas e que se mostra significativamente importante, de modo que (Ponty, 1971, p. 166): “O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é para uma pessoa viva, juntar-se a um meio definido, confundindo-se com alguns projetos e engajar-se continuamente neles”.

Na vivência de nosso cotidiano, é comum, e torna-se um hábito ficar instantes frente ao espelho para nos admirar, nos preparar, até de vez em quando para levantar alguns questionamentos. Na pressa que o cotidiano impõe, a intenção se volta ao olhar crítico ou não, sobre o físico que empiricamente acredita-se ser o nosso cartão de visita.

Deparar-se com a verdade do espelho nem sempre é fácil. Por mais que se tenha o desejo de que a verdade refletida seja a imagem que gostaríamos que fosse, o real refletido nem sempre é visível ao olho humano.

Por mais que o corpo físico esteja com uma estética perfeita, a mutilação do eu pessoal e social nos coloca frente a frente a uma realidade que nenhum espelho reflete, mas que só enxerga o íntimo do ser. Uma vez que a imagem refletida no espelho é a imagem “real” do físico, humanamente acaba se dando mais valor ao estético físico e se passa a acreditar que este se torna o fator mais importante que determina a nossa vida social.

Assim, sem dúvida, todo o ser humano é um ser-no-mundo, carregado de significados e sentidos da história que nos faz o que somos e nos possibilita uma atitude autônoma de projeção com base no passado. Merleau Ponty<sup>1</sup> (p. 9) diz que “o passado que se torna nosso verdadeiro presente não se afasta de nós e se esconde sempre atrás de nosso olhar ao invés de se dispor dele”.

Se o espelho pudesse expressar os significados do nosso passado que nos leva ao presente e ao futuro, talvez este objeto de vidro que fala num tom mudo não fosse tão íntimo nosso. Considerando o corpo como um objeto físico e afetivo, a afetividade “é vista como um mosaico de estados afetivos, prazeres e dores fechados sobre si mesmos, que não se compreendem e só podem ser explicados por meio de nossa organização corporal (Ponty, p. 165)”. E nesse sentido, o corpo como ente sexualizado confere sentidos ao ser humano em isolar-se ou procriar-se. Pois, se a história sexual de um homem dá a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem se projeta sua maneira de ser com relação ao mundo, isto é, com relação ao tempo e aos outros homens.

Sob a vigilância do olhar no espelho, o reflexo da imagem do corpo que perde aos poucos a beleza e a estética, volta-se à emoção da afetividade que também se perde. A pessoa homossexual na atitude de encarar-se com o espelho, vê os mais diversos reflexos do preconceito e dos processos de discriminação, que é possível classificar em duas dimensões.

A primeira pode ser chamada de dimensão física em que o olhar no espelho denuncia a condição de ser homossexual ou não. A outra dimensão se denomina de social que não é inevitável. O espelho nesse caso é o preconceito social que remete reflexos de punição, de desprezo, de marginalização e, sobretudo de exclusão.

O principal elemento que se aponta é a concepção sexual atrelada ao preconceito social em relação a homossexualidade. A sexualidade do sujeito entra em evidência na construção da teia da vida em que se permite compreender. Segundo Merleau Ponty (p. 180):

Há uma espécie de osmose entre a sexualidade e a existência, isto é; se a existência se difunde na sexualidade, reciprocamente a sexualidade se difunde na existência, de maneira que é impossível designar, para uma decisão ou um ato dado, a parte de motivação sexual e a das outras motivações.

As diferentes formas de expressão e o impacto na repercussão social têm presente aspectos sociais, psíquicos e éticos morais, calcados em uma sociedade que estabelece valores e princípios de “normalidade”, levando à própria exclusão dos sujeitos ao fugirem destes padrões. Com relação ao homossexual, reproduz-se uma concepção ligada fortemente à sexualidade: ele assume uma identidade não aprovada socialmente.

Por um lado, nos reflexos do espelho social, a repercussão é subjetiva e “sutil”, marcada culturalmente pelo duplo preconceito: com relação à identidade homossexual *per se* e com relação a condição de ser diferente.

Ponty nos ensina que a sexualidade não pode ser encarada como objeto de exclusão. Acrescenta-se a esta afirmação que homossexuais não podem ser também encarados como objetos de estudo, de exclusão, e de investigação. Destaca-se o HUMANO: do humano que possui na gratuidade da vida o compromisso e o direito de ver no espelho, seja este um mero pedaço de vidro ou no espelho social, a fantasia da busca da felicidade e do direito de sentir-se igual.

Em síntese, ao se pensar a homossexualidade de frente para o espelho, é possível colocá-la e visualizá-la no mundo contemporâneo também cada vez mais dentro da vitrine. Destaca-se ali alguns reflexos que merecem atenção e discussões futuras:

- Os “excluídos” também excluem, ou seja, homossexuais que são vítimas de preconceito também fomentam o próprio preconceito (relacionado geralmente à idade e corpo – há um “culto” à beleza e juventude, talvez para amenizar a “feiúra” da marginalidade, ou ao maior ou menor grau de “heterossexismo” gestual);
- A dicotomia de gênero nas práticas sexuais e afetivas independentes do tipo, ainda muito presente na nossa cultura masculinizada e com risco da ausência total de afeto;
- O bissexualismo feminino forjado como eufemismo para o homossexualismo feminino, cuja afetividade feminina acaba atrelada ao sujeito masculino, seja na prática sexual em si ou como fetiche dos homens heterossexistas;
- A homoafetividade como análise científica na teoria à peça de galhofa na prática. O não preconceito toma forma de pseudointe-

lectualizarão e pseudo-humanização, prática semelhante ao “não-preconceito teórico” em relação aos afro-descendentes antes do preconceito racial ser considerado crime;

- A legislação é ineficiente quando poderia contribuir para evitar o uso de termos pejorativos que sempre estão presentes, por exemplo, em programas de humor (existem no Brasil apenas ações pontuais contra a homofobia, como no estado do RS);
- O preconceito na classe médica, onde infelizmente muitos profissionais tendem a associar doenças proctológicas e DSTs à práticas homossexuais;
- O próprio Orgulho Gay estigmatiza com um comportamento e política como se o Orgulho Gay se referisse apenas ao público gay masculino e as lésbicas ficam em segundo plano. Ou seja, há a prevalência do machismo gay masculino em detrimento da participação política das mulheres gays;
- O homoerotismo é associado erroneamente com promiscuidade *in extremis*, e o homossexual visto como um ser incapaz de estabelecer uma relação afetiva duradoura. Por outro lado, no caso do homem heterossexual, mesmo com uma relação afetiva duradoura, sua promiscuidade é tida como prática aceitável, numa fala heterossexista prosaica.

Enfim, se fôssemos pensar em dar nomes aos reflexos que são emitidos pelos espelhos que nos apóiam, nos punem, nos assustam, nos cobram, nos incentivam, nos destroem, certamente não encontraríamos nomes bonitos ou agradáveis. A homossexualidade nos põe frente a frente com o espelho e nos mostra num primeiro olhar reflexos do glamour, da alegria, do belo, do travestido, do alegre, do colorido, uma maquiagem inicial do preconceito e exclusão. Na contrapartida, e olhando mais de perto, os reflexos nos mostram que em se tratando desse preconceito e exclusão, nada é bonito e nada é colorido!

## REFERÊNCIAS

- Foucault, Michel. *Histórica da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1976.
- Fry, P., & MacRae. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- Martinelli, Maria Lúcia. *Serviço Social: identidade e alienação*, (8ª ed.). São Paulo: Cortez, 2003.
- Masques (Revue des Homosexualités). *Entretien avec Michel Foucault*. Paris, primavera de 1982.
- Merleau-Ponty, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971
- Merleau-Ponty, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

Merleau-Ponty, Maurice. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Organização Mundial de Saúde. *CID-10*. São Paulo, Edusp, 1995.

Sartre, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1984

Trevisan, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Recebido em: 03/03/2009. Aceito em: 17/09/2009.

**Nota:**

<sup>1</sup> Ponty, Maurice Merleau. Op. cit., p. 96.

**Autores:**

Francisco Arseli Kern – Assistente Social graduado pelo Curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina. Mestre e Doutor em Serviço

Social pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social da PUCRS. Coordenador de Graduação e professor da Faculdade de Serviço Social da PUCRS e da Fundação Irmão José Otão e também professor colaborador do Programa de Pós Graduação da FSS/PUCRS. Pesquisador associado do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Violência, Ética e Direitos Humanos.

André Luiz da Silva – Médico generalista graduado pela Universidade Federal do RN e membro da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade. Médico de Família e Comunidade vinculado a Secretaria Municipal de Eldorado do Sul/RS. Atuou como Médico da Estratégia de Saúde da Família do Município de Cachoeirinha/RS e Coordenador do Projeto Papo Positivo de atenção básica ao adolescente, e do Projeto Bem-Estar de inclusão social dos portadores de transtornos psíquicos. <barmitzvar@yahoo.com.br>.

**Enviar correspondência para:**

Francisco Arseli Kern  
Faculdade de Serviço Social – PUCRS  
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 15, 3º andar, sala 330  
CEP 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil  
E-mail: francisco.kern@puers.br